

<https://doi.org/10.5327/2237-4574-TL03>

TLO3

Avaliação da eficácia e satisfação das pacientes usuárias da radiofrequência não ablativa vaginal para sintomas genitourinários na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Marina Martins de Meireles, Ana Lucia Cavalcanti, Arlete Gianfaldoni, Elsa Gay de Pereyra, Lucivanda Pontes Fonteles, Maricy Tacla, José Maria Soares Junior. Universidade de São Paulo – USP.

Com o envelhecimento da população, torna-se essencial garantir qualidade de vida às mulheres idosas, incluindo saúde sexual e urinária. Nesse contexto, a The Menopause Society definiu, em 2014, a síndrome genitourinária da menopausa (SGM) como o período no qual há redução da produção de estrogênio, acarretando alterações genitais e urinárias crônicas e progressivas como secura vaginal, dispareunia, infecções urinárias, incontinência e outros desconfortos. Um dos tratamentos comumente utilizados é a terapia local com estrogênios em baixa dose, que melhora a espessura, elasticidade e flora vaginal, favorecendo a função sexual e urinária. No entanto, há contraindicações e efeitos adversos que limitam seu uso, como câncer de mama e hiperplasia endometrial. Por isso, buscam-se novas alternativas, sendo a radiofrequência não ablativa (RFNA) uma delas. Essa técnica aquece os tecidos por meio de correntes de alta frequência, promovendo regeneração celular e remodelação do colágeno, com melhora do trofismo vaginal e uretral, aliviando os sintomas da SGM. O objetivo desta pesquisa foi avaliar a eficácia e o grau de satisfação das pacientes quanto às questões urinárias, vaginais e intestinais após aplicação da RFNA. Este estudo observacional experimental investigou 12 mulheres com SGM, cujos principais sintomas foram atrofia vaginal (11), dispareunia (1), incontinência urinária de urgência (4), de esforço (4) e/ou mista (1). Essas pacientes receberam acompanhamento no ambulatório de energias do Hospital das Clínicas de São Paulo, e passaram por três sessões de RFNA a 45°C, via vaginal, nos meses de abril, maio e junho de 2025. Elas preencheram um questionário inicial e, nos retornos após cada aplicação da energia, responderam ao questionário de satisfação. Os critérios de inclusão abrangeram pacientes com SGM sem uso de qualquer tipo de energia vaginal nos últimos 18 meses, nem de terapia hormonal tópica nos últimos 30 dias, e apresentavam citologia e sorologias normais. Após a inclusão no estudo, as pacientes responderam ao questionário inicial e realizaram coleta de citologia, bacterioscopia, exame molecular do ácido desoxirribonucleico para o papilomavírus humano (DNA-HPV), potencial hidrogeniônico (pH) vaginal e biópsia de parede vaginal direita. Observou-se melhora significativa global nas pacientes, principalmente nos quesitos prurido vulvar (33,3% no primeiro retorno e 71,4% no segundo), ressecamento vaginal (75,0% no primeiro retorno e 87,5% no segundo) e incontinência urinária de urgência (62,5% no primeiro retorno e 66,6% no segundo). A RFNA demonstrou capacidade de reduzir os sintomas da SGM, com melhora perceptível já no primeiro retorno e potencializada no segundo, repercutindo em bom grau de satisfação pelas pacientes.

Palavras-chave: mulheres; radiofrequência; menopausa.